

ESTUDOS DIALETOLÓGICOS E GEOLINGUÍSTICOS NO SUL DO BRASIL

Felício Wessling Margotti

Universidade Federal de Santa Catarina

Valter Pereira Romano

Universidade Federal de Santa Catarina

As pesquisas sobre a língua portuguesa e outras línguas faladas no sul do Brasil limitaram-se inicialmente a breves registros dialetológicos, seja no levantamento de variantes lexicais para fins de publicação na forma de glossários, seja na elaboração de trabalhos monográficos como exigência para a formação acadêmica no âmbito dos programas de pós-graduação em Letras e Linguística em seus primeiros anos de existência, a partir da década de 1970. Citam-se como exemplos dessas pesquisas: a publicação de Mortara (1950) sobre as línguas indígenas e de imigrantes em Santa Catarina; o estudo do dialeto trentino de pomeranos em Santa Catarina (BONATTI, 1968); a tese de doutorado de Vandresen (1971), que trata dos aspectos fonético-fonológicos do alemão westfaliano de Rio Fortuna/SC; a publicação de Koch (1974) sobre os falares alemães no Rio Grande do Sul; os estudos conduzidos por Bunse (1975, 1978) relativamente aos dialetos italianos no Rio Grande do Sul e à etnografia linguística do cultivo de uva e produção de vinho na serra gaúcha; o estudo etnolinguístico do português falado por pescadores no litoral do Paraná (MERCER, 1979); os estudos de Frosi e Mioranza (1983) sobre os dialetos italianos da região de colonização italiana no Rio Grande do Sul; os estudos e a publicação de Furlan (1989) sobre o português açoriano no litoral de Santa Catarina, entre outros.

O conhecimento da realidade dialetal do sul do Brasil ganhou impulso a partir da década de 1980 após diversos encontros regionais sobre variação linguística e bilinguismo promovidos por pesquisadores da área de Letras e Linguística. No IV Encontro, realizado na UFRGS, por exemplo,

já estavam delineados três grupos de trabalho, responsáveis, respectivamente, por três áreas específicas: variação linguística, coordenado por Leda Bisol, com o objetivo de descrever variantes identificadoras da fala urbana do sul do País; atlas linguístico-etnográfico, sob a coordenação de Walter Koch, com o objetivo de levantar e registrar, em mapas, variantes diatópicas da fala; bilinguismo, coordenado por Paulino Vandresen, com o objetivo de identificar as áreas de bilinguismo e descrever o comportamento dos falantes bilíngues (MARGOTTI, 2004, p. 55).

Posteriormente, como resultado desses encontros, os linguistas das principais universidades envolvidas (UFPR, UFSC, UFRGS e PUC-RS) organizaram-se em dois grupos: um para compor o Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS, 2002, 2011)⁴⁸, que cobre o português de 275 localidades rurais e das 18 cidades mais populosas dos três estados do Sul, e o outro para organizar o Banco de Dados sobre a Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARSUL), que foi composto na etapa inicial por 288 entrevistas, de 45 a 60 minutos, com falantes de áreas urbanas (cf. VANDRESEN, 2002, p. 8).

Decorridos cerca de 30 anos desde o início desses projetos, contabilizam-se atualmente centenas de publicações e igualmente contam-se em dezenas os egressos dos programas de pós-graduação formados na área de Sociolinguística e Dialetoлогия e respectivas subáreas, entre as quais estão variação e mudança linguística, contato linguístico e bilinguismo, geolinguística e políticas linguísticas. Diversos outros projetos de pesquisa nessa área foram iniciados e executados, entre os quais: o *Atlas Linguístico do Paraná* (AGUILERA, 1994); a tese de Mercer (1992), *Áreas Fonéticas do Paraná*, com base em dados do ALERS, defendida na UFPR; o projeto *BDS-Pampa*, realizado por pesquisadores da UCPel (Universidade Católica de Pelotas) e UFPel (Universidade Federal de Pelotas), com o objetivo de coletar dados sobre a língua portuguesa falada em 21 cidades ao longo da fronteira com o Uruguai e a Argentina; o projeto *Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata* (ALMA), desenvolvido em conjunto pela Christian-Albrecht-Universität de Kiel (CAU), na Alemanha, e pelo Instituto de Letras da

⁴⁸ A primeira reunião para a elaboração do projeto Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS) foi realizada na UFRGS, nos dias 26 e 27 de setembro de 1983, com a participação de José Luís Mercer, da UFPR; Giles Istre, Oswaldo Furlan e Ivo Zimmermann, da UFSC; Leda Bisol, da PUC-RS; Heinrich Bunse, Mário Klassmann, Walter Koch e Baltazar Teixeira, da UFRGS.

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sob a coordenação de Harald Thun e Cléo V. Altenhofen; *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Oeste Catarinense*, coordenado por Marcelo Jacó Krug, da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), Chapecó; o projeto *Crenças e Atitudes Linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato*, coordenado por Aparecida Feola Sella, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e o projeto Descrição e análise geossociolinguística da fala do Oeste do Paraná, coordenado por Sanimar Busse, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE).

Somam-se aos trabalhos arrolados alguns atlas linguísticos de pequeno domínio e estudos de cunho geolinguístico não propriamente denominados como atlas, mas que trazem um conjunto de mapas que retratam aspectos linguísticos da língua falada na Região Sul do país, sobremaneira no estado do Paraná, a saber: a dissertação de mestrado de Aguilera (1987) – *Aspectos Linguísticos da Fala Londrinense: esboço de um atlas linguístico de Londrina*, defendida na UNESP de Assis/SP, obra pioneira no que tange aos atlas de pequeno domínio no Brasil e trabalho precursor que deu origem ao ALPR (AGUILERA, 1994); a monografia de Fabris (1997) – *Esboço de um Atlas Linguístico de Tamarana/PR*; a monografia de Pizolato (1997) – *Esboço de um Atlas Linguístico de Centenário do Sul*; o trabalho de Lino (2000) – *Aspectos Linguísticos da Fala de Cândido de Abreu: um estudo geossociolinguístico*; a dissertação de mestrado de Altino (2001) – *Pelos Caminhos da Geolinguística Paranaense: um estudo do léxico popular de Adrianópolis*; a tese de doutorado de Busse (2010) – *Um estudo geossociolinguístico do Oeste do Paraná*; a dissertação de mestrado de Romano (2012) – *Atlas Geossociolinguístico de Londrina*; o estudo de Carlos (2015) – *O Português de Cá e de Lá: variedades em contato na fronteira entre Brasil e Paraguai*, que tratou, sob o ponto de vista da Dialetologia Pluridimensional, aspectos atinentes à área de fronteira entre o Paraná e o Paraguai; a dissertação de Siqueira (2015) – *Atlas Linguístico de Curiúva-PR: aspectos lexicais*; e a pesquisa de Ribeiro (2017) – *A Variação Lexical na Rota do Café: estudos geossociolinguísticos no norte do Paraná*⁴⁹.

Ainda referente ao estado do Paraná, atualmente, tem-se notícia de dois projetos de tese de doutorado em desenvolvimento na Universidade Estadual de Londrina cujas propostas são elaborar atlas de pequeno domínio, a saber: o trabalho de Thiago Leonardo Ribeiro (2017) – *Atlas Linguístico do Norte Pioneiro do Paraná* e o de Michele Gali – *Atlas Linguístico de Foz do Iguaçu – PR*. O

⁴⁹ Para detalhes, consulte Romano e Silva (2016), que trazem o estado da arte dos estudos geolinguísticos e sociodialetológicos no Paraná.

primeiro sob orientação de Vanderci de Andrade Aguilera e o segundo orientado por Fabiane Cristina Altino.

No que tange ao Estado de Santa Catarina, sobre atlas linguísticos, tem-se a tese de doutorado de Imaguire (1999) – *Estudo com Vistas a um Atlas Linguístico da Ilha de Santa Catarina: abordagem de aspectos semânticos lexicais* e o trabalho de Guimarães (2007) – *Para um Atlas Linguístico de São Francisco do Sul (ALSFS): há nesta ilha um falar específico?*, este defendido na Universidade Estadual de Londrina e aquele, na Universidade de São Paulo.

No âmbito dos trabalhos de cunho dialetológico e geolinguístico realizados na Universidade Federal de Santa Catarina sob orientação de Felício W. Margotti, relativamente ao português falado na Região Sul, citam-se os estudos de Rocha (2008) – *O Português de Contato com o Espanhol no Sul do Brasil: empréstimos lexicais*; Pinho (2012) – *Aspectos da História da Língua: um estudo diacrônico e sincrônico dos pronomes oblíquos tônicos*; Bassi (2016) – *A Realização da Fricativa Alveolar em Coda Silábica no Português Brasileiro e no Português Europeu: abordagem geolinguística*; Chofard (2019) – *Aspectos Lexicais do Português do Brasil: um recorte de variantes documentadas pelo Atlas Linguístico do Brasil*. Em andamento, sob orientação de Felício W. Margotti e Valter P. Romano, Amanda Chofard está desenvolvendo o *Microatlas Linguístico das Rotas dos Tropeiros do Sul*, que contempla cidades gaúchas, catarinenses, paranaenses e paulistas, e Karoline Espíndola está desenvolvendo a pesquisa de mestrado de cinco variantes lexicais (*pata dianteira, crina do pescoço, crina da cauda, lombo e garupa*) com base na totalidade dos dados do Projeto *Atlas Linguístico do Brasil* – ALiB.

Também se enquadram como estudos de cunho dialetológico as pesquisas sobre línguas em contato, entre os quais se relacionam *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen* (ALTENHOFEN, 1995), sob orientação de Günter Bellman, *Os bilíngues Teuto-brasileiros frente à Metafonia do Português* (KRUG, 2009), *Quando o Heinrich Casa com Iracema, a Urmutter Vira Bisa? – A dinâmica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco em uma comunidade de contato alemão-português do Sul do Brasil* (HORST, 2009), sob orientação de Harald Thun, e as pesquisas orientadas por Cléo Wilson Altenhofen, a saber: *Difusão Sócio-geográfica do Português de Contato com o Italiano no Sul do Brasil* (MARGOTTI, 2004), *Manutenção e Substituição Linguística em Áreas Bilingues Vêneto-Português do Alto Uruguai Gaúcho* (PERTILE, 2009), *Processos de Territorialização de Variedades Dialectais do Italiano como Línguas de Imigração no Nordeste do Rio Grande Sul* (PINHEIRO, 2014), *Africanidade*

e *Contemporaneidade do Português Falado em Comunidades Afro-brasileiras do Rio Grande do Sul* (SOUZA, 2015), *Topodinâmica do Alemão Falado em Comunidades de Imigração Boêmia no Rio Grande do Sul* (PREDIGER, 2015), *As Fronteiras Internas do Português del Norte del Uruguay: entre a percepção dos falantes e as políticas linguísticas* (SOUZA, 2016), entre outras. Além das pesquisas de doutorado, dezenas de outros estudos relacionados a línguas em contato, em nível de mestrado e de iniciação científica, foram realizados ou estão em andamento sob orientação de Cléo V. Altenhofen na UFRGS, de Marcelo Jacó Krug e Cristiane Horst na UFFS.⁵⁰

Paralelamente, desde 1996, deu-se andamento ao *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB*, com a coordenação geral da UFBA e com envolvimento de dezenas de pesquisadores em todo o Brasil. No Paraná, o Projeto ALiB é coordenado por Vanderci de A. Aguilera e, no Rio Grande do Sul e Santa Catarina, por Walter Koch inicialmente, depois por Cléo V. Altenhofen e, atualmente, por Felício W. Margotti e Valter P. Romano. O banco de dados do ALiB é constituído, na Região Sul, por 188 entrevistas de fala urbana, em 44 localidades.⁵¹ A publicação dos dois primeiros volumes do ALiB (2014a, 2014b) contempla dados fonéticos, morfossintáticos e lexicais das capitais dos estados. Com dados das localidades pesquisadas pelo ALiB na Região Sul, diversos trabalhos já foram publicados ou concluídos, entre os quais Romano (2015), Chofard (2019), Margotti e Zibetti (2016), Romano e Margotti (2016), Aguilera (2016), Altino e Yida (2018), entre diversos outros.

As pesquisas já realizadas e em andamento no Sul do Brasil sobre a língua portuguesa em uso refletem a pluralidade social, cultural e geofísica e contemplam cenários linguísticos diversos, onde há contatos linguísticos com línguas indígenas, com línguas de imigrantes europeus e asiáticos e com o espanhol de três países vizinhos, o que lhe confere um *status* peculiar no que diz respeito ao português brasileiro. Entre os fatores determinantes dessa realidade linguística, relacionam-se aqui quatro, já assinalados por Koch (2000, p. 59) e por Vandresen (2002, p. 5-7): (i) a presença de açorianos e madeirenses a partir do século XVIII em áreas do litoral, desde São Francisco do Sul/SC até Rio Grande/RS; (ii) a existência de fronteiras políticas com três países de fala hispânica e o contato português-espanhol

⁵⁰ A relação das pesquisas dialetológicas e geolinguísticas realizadas e em andamento na Região Sul do Brasil não é exaustiva, não incluindo principalmente dissertações de mestrado, artigos acadêmicos, trabalhos de conclusão de curso e pesquisas de iniciação científica desenvolvidos em IES paraenses, catarinenses e gaúchas.

⁵¹ Informações mais detalhadas sobre o Projeto ALiB podem ser obtidas no site <https://alib.ufba.br/>.

derivado dessa situação; (iii) o contato entre paulistas e gaúchos em dois fluxos migratórios opostos, inicialmente num movimento de bandeiras e posteriormente nas rotas dos tropeiros de gado; (iv) a existência de áreas bilíngues significativas, originadas do assentamento de imigrantes de língua alemã (de 1824 a 1870), de italianos (a partir de 1875), de poloneses e ucranianos (a partir de 1890), além de outras etnias, como, por exemplo, a japonesa desde 1908.

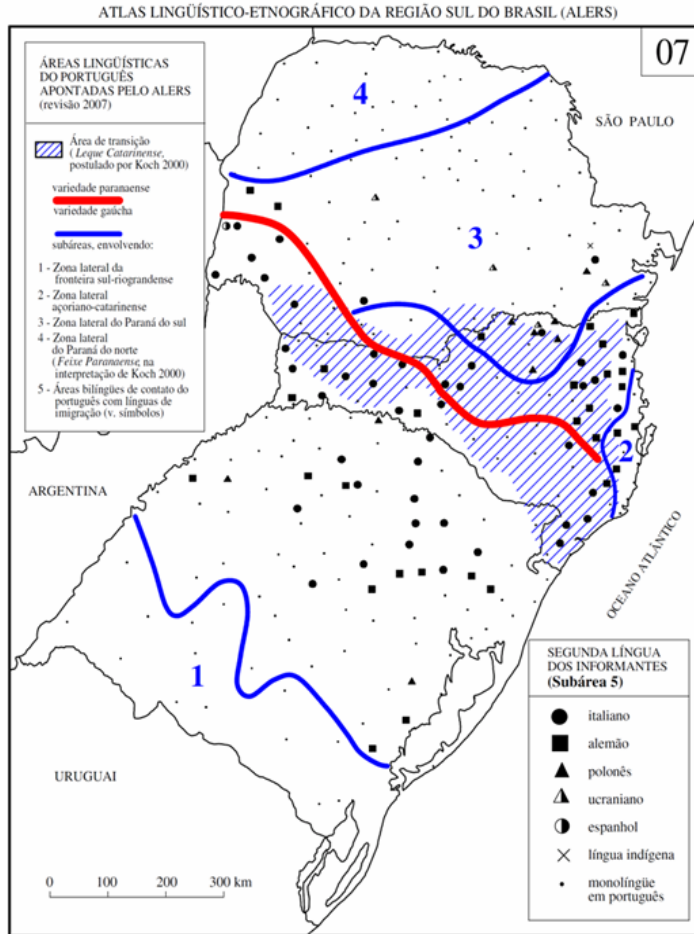
Esses fatores foram considerados na elaboração dos projetos interinstitucionais de pesquisa VARSUL e ALERS, bem como do ALiB e do ALMA, entre outros, com inclusão de localidades em que há contato do português com outras línguas, principalmente o italiano, o alemão, o polonês, em áreas de colonização europeia, e o espanhol na fronteira com três países de língua hispânica.

Em vista desse panorama e dos dados já cartografados pelo ALERS (2002, 2011), Altenhofen (2002, 2008), dando continuidade às indicações anteriormente apontadas por Koch (2000), apresenta as “fotografias geolinguísticas do português no Sul do Brasil”, representadas na figura 4.1 (Mapa 07). Essas fotografias apontam a existência de duas grandes áreas dialetais (a variedade paulista ao norte e a variedade sul-rio-grandense ou gaúcha ao sul)⁵², separadas pelo *leque catarinense* (cf. KOCH, 2000).

O denominado *leque catarinense* configura-se como uma área de transição, constituído por um avanço de influência paulista no sentido norte-sul e um avanço da área rio-grandense, sobretudo da subárea bilíngue colonizada por imigrantes europeus, e por um corredor lateral, através do Oeste de Santa Catarina até o Sudoeste do Paraná.

⁵² Romano (2015) denomina a variedade sul-rio-grandense de subfalar sulista, em oposição ao subfalar paulista.

Figura 4.1 – Áreas linguísticas apontadas pelo ALERS.



Fonte: Altenhofen, 2008, p. 28.

No leste do Rio Grande do Sul até a orla de Santa Catarina, território ocupado inicialmente por açorianos, incluindo os campos de cima da serra, tem-se uma área denominada por Koch de *feixe secundário rio-grandense*. Nessa área também houve o assentamento de populações bilíngues de origem europeia.

No litoral catarinense, mais especificamente entre Laguna e São Francisco do Sul, registra-se uma área que Furlan (1989) designa de *falar açoriano-catarinense*.

Ao norte do Paraná, uma vasta área, cuja ocupação é mais recente, revela uma variedade dialetal de influência paulista, denominada por Koch (2000) de *feixe secundário paranaense*, a qual Mercer (1992) associa à forma de colonização.

Nas fronteiras do Rio Grande do Sul com o Uruguai e com a Argentina, verificam-se traços provenientes do contato do português com o espanhol, numa região em que os limites territoriais oscilaram ao longo da história em razão das disputas entre portugueses e espanhóis. Essa situação de contato também existe na fronteira do Paraná com o Paraguai, mas na fronteira de Santa Catarina com a Argentina o contato é incipiente devido à baixa densidade demográfica, principalmente no território fronteiriço do país vizinho.

Devido ao contato dos paulistas com os gaúchos desde o fim do século XVII, em período anterior à chegada dos primeiros imigrantes alemães (1824) e italianos (1875), estabeleceram-se rotas comerciais antigas que partiam de diversos pontos do Rio Grande do Sul e de outros territórios platinos em direção norte, em diversas bifurcações, cruzando o rio Pelotas em direção a Lages ou o rio Uruguai, mais a oeste de Santa Catarina, em direção a Guarapuava, e seguindo para Ponta Grossa/PR e Sorocaba/SP.

No Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, em áreas ocupadas por imigrantes europeus, constata-se a existência de contatos linguísticos e bilinguismo em diferentes situações e graus que, nos dados do ALERS precisam, segundo Altenhofen (2002, p. 77), ser consideradas sob três possibilidades mais amplas:

O português de falantes *bilingues* que nasceram e se criaram em uma comunidade de maioria bilíngue;

O português de falantes *monolíngues* que nasceram e se criaram em uma comunidade de maioria bilíngue;

O português de falantes *monolíngues sem contato* com uma comunidade bilíngue.

Além dos aspectos relacionados às áreas dialetais apontadas por Koch (2000) e refinadas por Altenhofen (2002, 2008), que resgatam aspectos sócio-históricos da ocupação demográfica dos diversos espaços meridionais do Brasil até meados do século XX e as variedades linguísticas faladas por essas populações, deve-se considerar a intensificação das migrações internas desde as primeiras décadas de 1900, ocupando novas áreas em diversas direções, principalmente norte e noroeste do Rio Grande do Sul, oeste de Santa Catarina, sudoeste, oeste e norte do Paraná.

A partir da década de 1950, com o surgimento das indústrias, intensificou-se a migração de populações rurais para as cidades (êxodo rural) em busca de emprego e melhores condições de vida. Esse fenômeno modificou substancialmente o cenário linguístico, reduzindo de maneira expressiva os contextos plurilíngues e incrementando o contato de diferentes variedades do português, realidade atualmente turbinada por diversas circunstâncias, entre as quais a facilidade de acesso escolar,

o deslocamento regular das populações, a intensificação do comércio, o papel dos meios de comunicação e a interação por meio das mídias sociais. Ao focar o contato das variedades linguísticas e a mobilidade das populações – contrapondo a fala de habitantes topoestáticos e a fala de habitantes topodinâmicos –, cabe rever a questão das áreas linguísticas, considerando o predomínio de variantes comuns a determinada variedade dialetal associada ao espaço e ao perfil dos falantes.

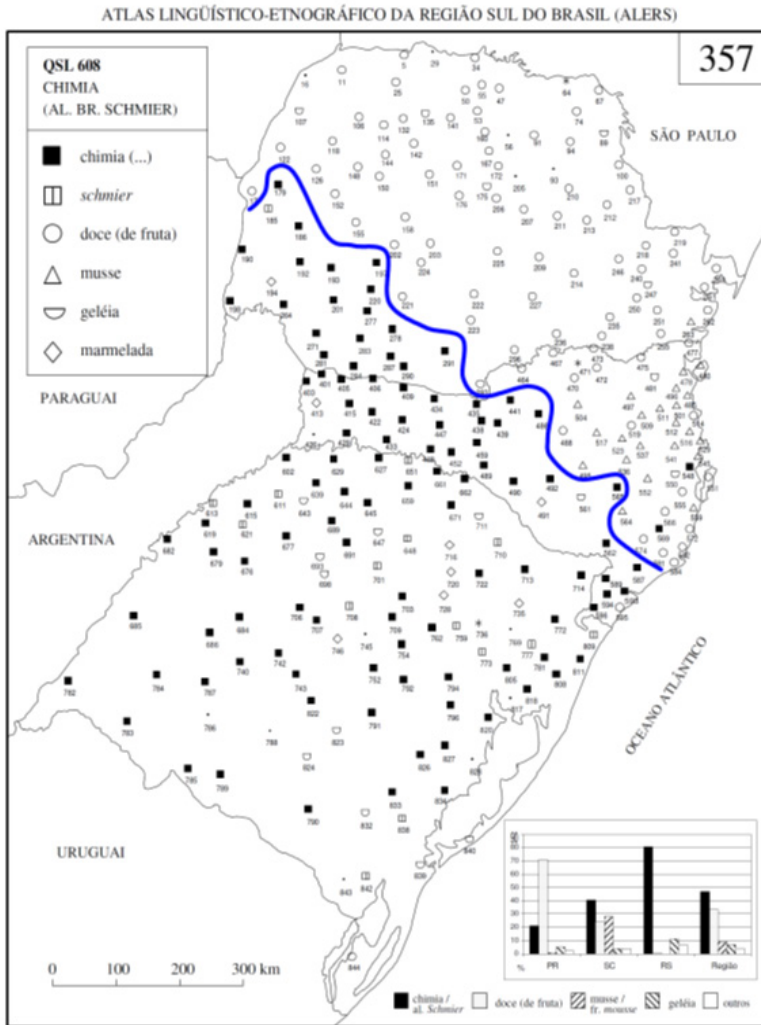
Antes da realidade socioeconômica atual, quando as populações tinham pouca mobilidade e as redes sociais eram, em geral, limitadas ao espaço em que habitavam, Antenor Nascentes propôs a divisão dialetal do português do Brasil em 1922, refeita por ele posteriormente em 1933 e 1953. Nunca a considerou definitiva, mas por meio dela pôs em evidência a diversidade linguística geográfica do português brasileiro. Alguns estudos em áreas do Centro-Nordeste, como os de Cardoso (1986, 1999), reforçam a classificação de Nascentes. Outros estudos, como o *Atlas Linguístico do Brasil – ALiB* e diversos atlas e microatlas regionais, ora reforçam empiricamente a proposta de Nascentes, ora atestam a necessidade de revisão e refinamento. Os resultados do *Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil* (ALERS, 2002 e 2011) indicam, por exemplo, a necessidade de reformular a hipótese relativa ao chamado *falar sulista* que, de acordo com Nascentes, inclui regiões dialetologicamente diversas como São Paulo e Rio Grande do Sul, às quais “poderíamos acrescentar, sem exagero, Paraná e Santa Catarina” (ALTENHOFEN, 2002, p. 117).

Com o objetivo de apontar alguns contrastes entre variedades do português no sul do Brasil, numa perspectiva macroanalítica e geolinguística, apresentam-se, a seguir, alguns mapas linguísticos de variantes lexicais e uma breve análise dos aspectos mais relevantes para a compreensão da realidade dialetal da região.

1. CHIMIA (COMO SE CHAMA A PASTA FEITA DE FRUTAS QUE SE PASSA NO PÃO?)

As diversas designações documentadas pelo ALERS para “a pasta feita de frutas que se passa no pão” estão distribuídas diatopicamente no Mapa 357 (Figura 4.2).

Figura 4.2 – Distribuição diatópica de *chimia*/*schmier* na Região Sul.



Fonte: ALERS, 2011, p. 811.

Na Figura 4.2, consta o desenho de uma isoléxica que vai do sul de Santa Catarina ao sudoeste do Paraná, separando duas grandes áreas dialetais: a sulista, na qual predomina *chimia* (ou *chimier*), formas emprestadas do alemão, e a outra área na qual é possível visualizar uma subárea no leste, centro e norte do Paraná, onde a forma predominante é *doce* (*de fruta*), bem como uma subárea no vale do rio Itajaí e entorno, onde se faz uso de “musse” (emprestada do francês). Também foram registradas algumas ocorrências de *geleia*, mas sem arealização específica, variante que tende a perder representatividade à medida que se avança no sentido sul, e de *marmelada* em áreas de contato com o italiano no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.

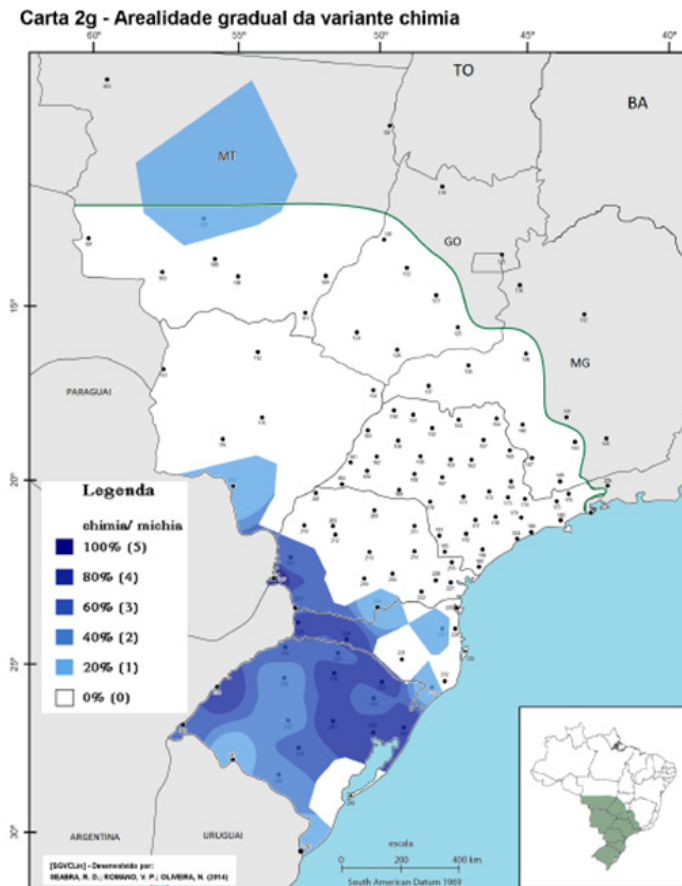
Essa variável lexical também foi investigada por Romano (2015, p. 183-197), com base no ALERS e no ALiB, concluindo que a área correspondente ao subfalar sulista, de Antenor Nascentes, para as variantes lexicais que recobrem o conceito da “pasta feita de fruta que se passa no pão”, na parte meridional, principalmente, nos Estados da Região Sul, predomina o polimorfismo com sobreposição de formas lexicais.

Esses seriam, portanto, os dois grandes falares: (i) o paulista⁵³ e o (ii) sulista, de influência sul-rio-grandense e línguas de colonização. A esses dois falares, encontram-se duas subáreas lexicais no PR e em SC, com presença de “formas genéricas” e de “musse” (ROMANO, 2015, p. 197).

No que tange à produtividade do item *chimia* nos três Estados que compõem a Região Sul do Brasil, Romano (2015) apresenta uma carta linguística que ratifica a distribuição diatópica documentada no ALERS e evidencia as áreas de bilinguismos e as linhas de isoléxicas que indicam a possível área do território do falar sulista de influência sul-rio-grandense e línguas de colonização, conforme se observa na Figura 4.3.

⁵³ A área da forma *doce* (*de fruta*), conforme Mapa 357 do ALERS, faz parte do denominado falar paulista.

Figura 4.3 – Incidência do item *chimia* nos dados do Projeto ALiB.



Fonte: Romano, 2015.

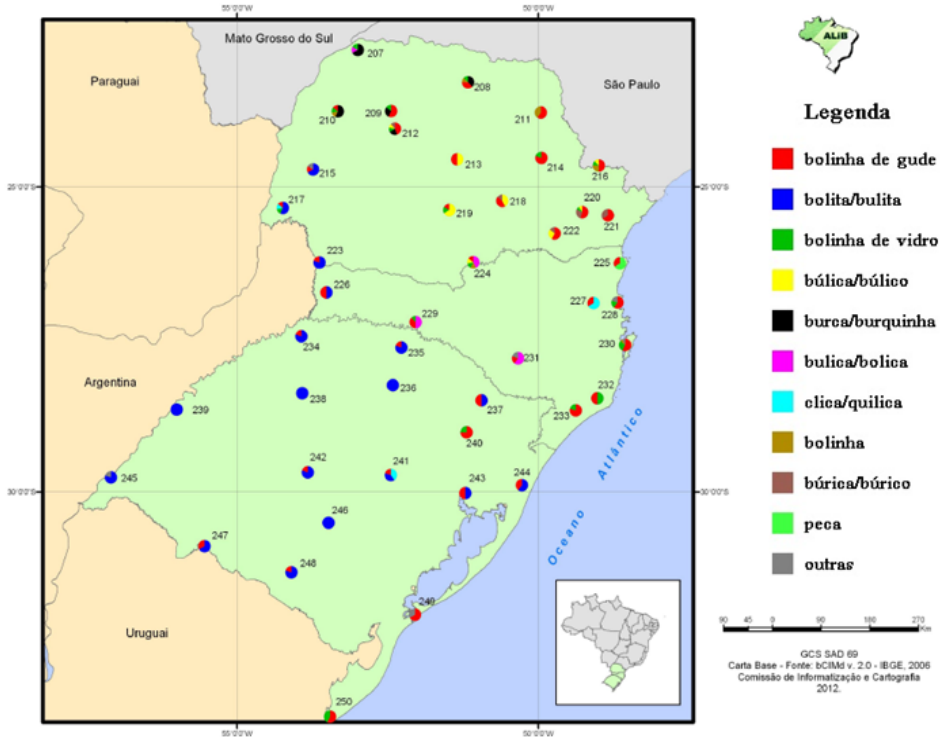
Principalmente no nordeste do Estado do Rio Grande do Sul e oeste catarinense, a variante *chimia* atingiu 100% de realização, ou seja, foi auferida como variante majoritária no léxico ativo dos quatro informantes entrevistados em cada localidade, estendendo-se até o extremo oeste do Paraná e refletindo-se em um ponto linguístico do Estado do Mato Grosso do Sul (ponto 117 – Ponta Porã).

2. BOLA DE GUDE (COMO SE CHAMAM AS COISINHAS REDONDAS DE VIDRO COM QUE OS MENINOS GOSTAM DE BRINCAR?)

Como se constata no mapa da Figura 4.4, que trata da distribuição diatópica das variantes lexicais de *bolinha de gude/vidro*, a palavra que se destaca na Região Sul é *bolita*, empréstimo da língua hispânica. A arealização é bem definida e

abrange a região centro-oeste do Rio Grande do Sul, oeste de Santa Catarina e oeste do Paraná, ou seja, áreas que fazem fronteira com países de língua espanhola.

Figura 4.4 – Distribuição diatópica das variantes lexicais de *bolinha de gude/vidro* na Região Sul.



Fonte: Eltermann; Margotti, 2015 p. 8 – inédito.

A variante *burca* (*burquinha*, *búlica/o*, *búrica/o*) está associada ao Estado do Paraná (exceto sudoeste), fazendo parte da área de influência da variedade (falar) paulista. A variante *bolinha de vidro* é documentada em áreas de colonização açoriana no litoral catarinense, além de se sobrepor a outras formas em pequenas áreas do RS e PR. As formas *bulica/bolica* ocorrem em área do Planalto Serrano Catarinense. A forma *clicca/quilica* (do alemão *klicker*) ocorre no Vale do Itajaí e em áreas próximas a Pelotas sob influência do contato com a língua alemã. Na região de Joinville e entorno, registrou-se a forma *peca*, cuja origem é desconhecida. *Bolinha de gude*, que é a terceira variante mais produtiva, compete com outras em diferentes áreas. Em síntese, as variantes de *bolinha de gude/vidro* atestam, em razoável medida, as diferentes fotografias dialetais do português falado no sul

do Brasil. Romano (2015) também traz o estudo dos designativos para “bolinha de gude”. Entre as conclusões sobre o tema, o autor assevera que:

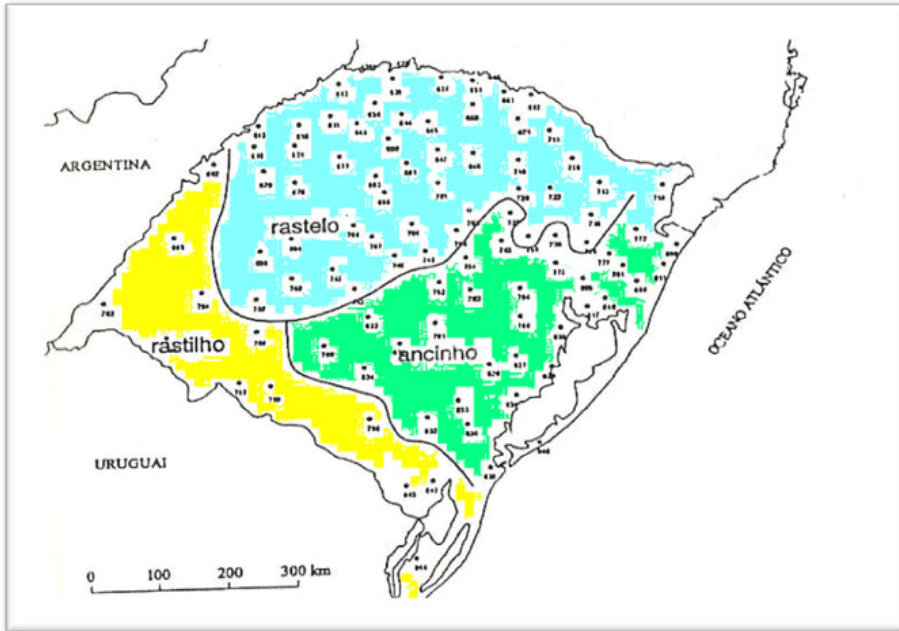
Os dados evidenciam, portanto, heterogeneidade linguística dentro do território investigado no que se refere às variantes para a *bolinha de gude* e apontam, novamente, a existência de dois falares: um *Paulista* (*bolinha de gude*) e o *Sulista* (*bolita*). Ainda dentro desses dois grandes falares verifica-se a presença de subáreas lexicais, aqui caracterizadas pela variante *búrica*, que se localiza, principalmente, no centro-sul do PR, expandindo-se em um corredor central de SC. Outras variantes também delimitam subáreas lexicais intermediárias entre os dois falares, por exemplo, *clica* e *peca*, principalmente, na faixa leste e litoral norte de SC. Ademais, a configuração diatópica do item *bilosca* também dá indícios da possível expansão do subfalar mineiro, de Antenor Nascentes, que apresenta suas influências também na área geográfica delimitada neste trabalho como *falar Paulista*. (ROMANO, 2015, p. 219).

3. ANCINHO (COMO SE CHAMA O INSTRUMENTO DE CABO LONGO E COM UMA TRAVESSA DENTADA NA PONTA, QUE SERVE PARA JUNTAR FOLHAS SECAS OU SUJEIRA?)

De acordo com o mapa da Figura 4.5, as variantes lexicais para designar “o instrumento de cabo longo e com uma travessa dentada na ponta, que serve para juntar folhas secas ou sujeira” delimitam áreas dialetais específicas no Rio Grande do Sul, a saber: *rastilho* representa o português de contato com o espanhol em áreas próximas às fronteiras com o Uruguai e Argentina; *ancinho* delimita, a leste e com projeção do litoral para o interior, uma área de influência açoriana; e, *rastelo*⁵⁴, por sua vez, é documentada em áreas de colonização italiana, desde a serra gaúcha e entorno até o norte e noroeste do Estado. Em resumo, as três variantes são empréstimos de línguas em contato, representativas de diferentes processos de colonização da antiga província de São Pedro.

⁵⁴ Embora Koch (2000, p. 66) tenha optado pela anotação da forma *rastelo*, o ALERS documentou predominantemente, na área do português de influência do português sul-riograndense, as formas *rastel* e *restel*.

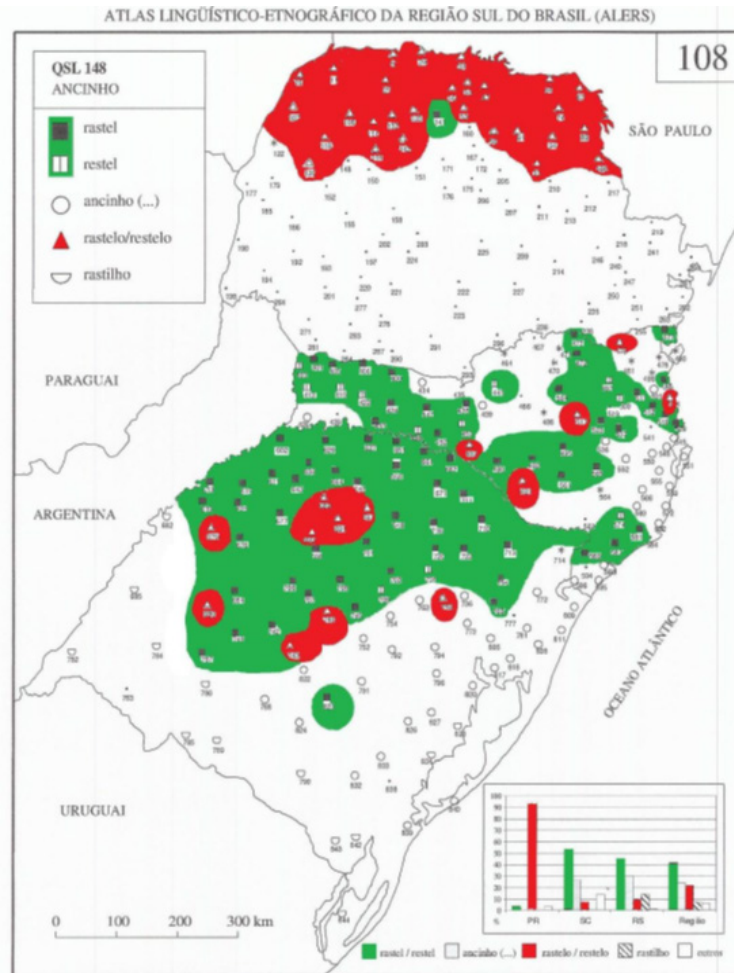
Figura 4.5 – Áreas lexicais das variantes de *ancinho* no Rio Grande do Sul.



Fonte: Koch, 2000, p. 66.

A fim de demonstrar como as variantes de *ancinho* se distribuem nos três Estados sulinos, apresenta-se a Figura 4.6 (Mapa 108, do ALERS) que, além das formas cartografadas por Koch no Rio Grande do Sul, registra a arealização de *rastelo* (*restelo*) no norte do Paraná, território de influência da variedade dialetal paulista.

Figura 4.6 – Distribuição diatópica das variantes de *ancinho* na Região Sul.



Fonte: ALERS, 2011, p. 299; Trainotti; Margotti, 2008, p. 272.

Observa-se na Figura 4.6 (Mapa 108 do ALERS) que a variante *ancinho* é recorrente também nas áreas de influência da colonização açoriana no litoral catarinense e que a variante *rastel* (*restel*) igualmente é recorrente em espaços catarinenses de colonização europeia, a exemplo do que ocorre no Rio Grande do Sul. No Paraná, a despeito da existência de uma extensa área na qual não houve registro de forma(s) designativa(s) do referente pesquisado, as formas *rastelo*/*restelo*, documentadas ao norte do Estado, são associadas ao mesmo étimo de *rastel*/*restel*, registradas em áreas de colonização italiana, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, todavia sem a apócope da vogal final [o]. Trata-se, certamente, de um empréstimo, fruto do contato do português com o italiano em território

paulista – assim como ocorreu nas outras áreas de contato com o italiano no RS e em SC – e que se difundiu no norte paranaense devido ao processo de colonização.

4. BERGAMOTA (COMO SE CHAMA A FRUTA MENOR QUE A LARANJA, QUE SE DESCASCA COM A MÃO?)

Para designar “a fruta menor que a laranja, que se descasca com a mão” na Região Sul, as formas mais produtivas são *bergamota* e *vergamota*, que correspondem a mais de 60% das respostas, distribuindo-se maciçamente em todo Rio Grande do Sul, onde atinge 95% das respostas, e em Santa Catarina, onde atinge cerca de 70% de incidência.

Essas variantes são empréstimos do espanhol, embora originalmente derivem de um mesmo étimo da língua italiana, segundo estudo realizado por Rocha (2008, 116):

Quanto à origem, o DRAE⁵⁵ considera *bergamota* vinda do italiano *bergamotta* (de Bérghamo), que é uma variedade de pêra com muito suco e aromática e, também, uma variedade de lima muito aromática, da qual se extrai uma essência usada na perfumaria.

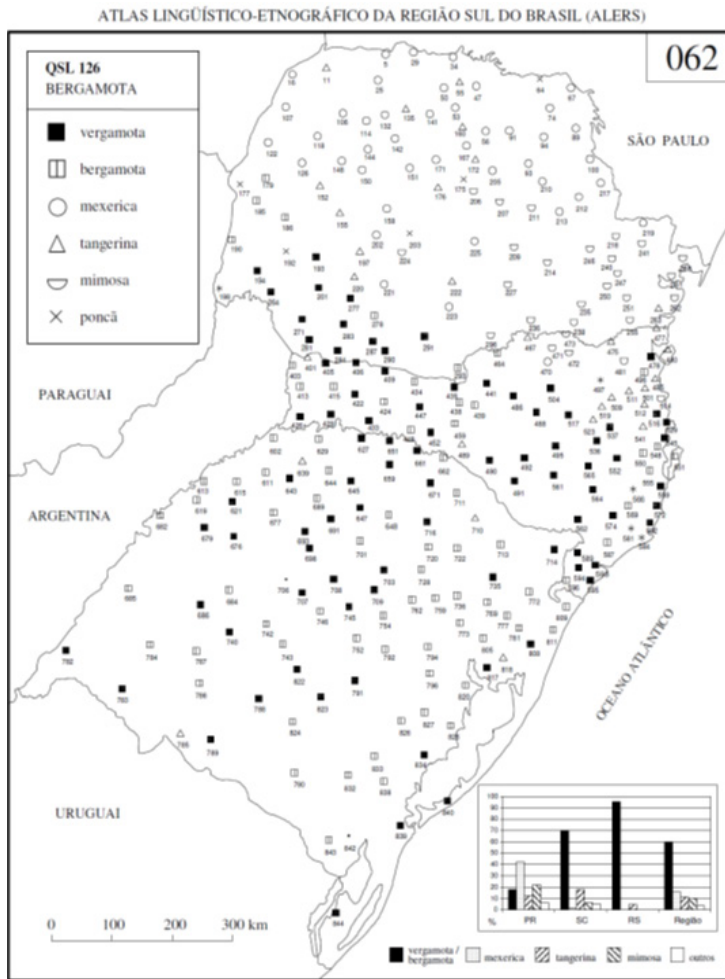
O étimo dessas duas variantes é, sem dúvida, o mesmo, tendo em vista que em português, desde o latim, é comum a transformação de [b] em [v] e vice-versa.

Na Figura 4.7 (Mapa 062 do ALERS), a distribuição diatópica de *bergamota/vergamota* corresponde ao território no qual, a exemplo de diversos outros aspectos lexicais, fonéticos e morfológicos (cf. ALERS, 2002, v. 2 e 2011b), se documenta a existência da variedade dialetal sul-rio-grandense, distinta da variedade dialetal paulista, cujos limites, embora oscilantes, são demarcados por um feixe de isoglossas que partem de algum ponto no litoral catarinense e se estendem para o interior numa linha oblíqua em direção noroeste até a fronteira com o Paraguai, no sudoeste do Paraná. No presente caso, essa fronteira dialetal está demarcada com uma linha na cor vermelha.

Sobre o mesmo lema, a distribuição diatópica da forma *mexerica* caracteriza o domínio do português paulista no espaço do denominado Paraná moderno, ao passo que, no espaço geográfico do denominado Paraná antigo, prevalece a variante *mimosa*.

⁵⁵ Diccionario de la Real Academia Española.

Figura 4.7 – Distribuição diatópica das variantes lexicais de *vergamota* na Região Sul.

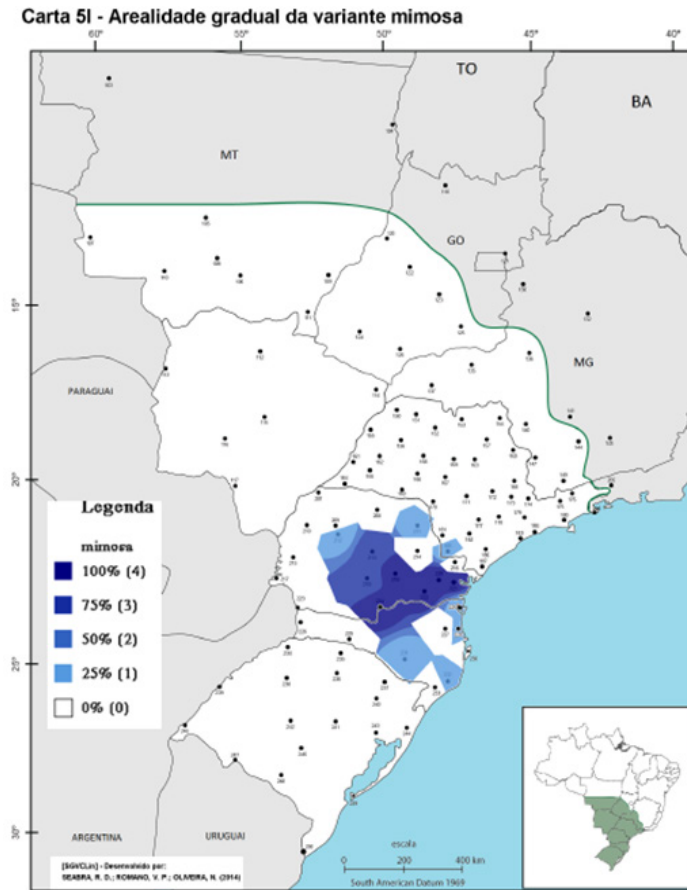


Fonte: ALERS, 2011, p. 200.

Em uma área mais restrita, no litoral norte de Santa Catarina, ocorre predominantemente a forma *tangerina*, caracterizando uma subárea na qual, aparentemente, não houve influência da variedade paulista, nem da variedade sul-rio-grandense.

A pesquisa de Romano (2015) atesta a distribuição do item *mimosa*, principalmente no Estado do Paraná, ratificando essa subárea na região que adentra também o estado de Santa Catarina, com menor produtividade, conforme se verifica na Figura 4.8.

Figura 4.8 – Distribuição do item *mimosa* como designativo para questão 39 do QSL do ALiB.

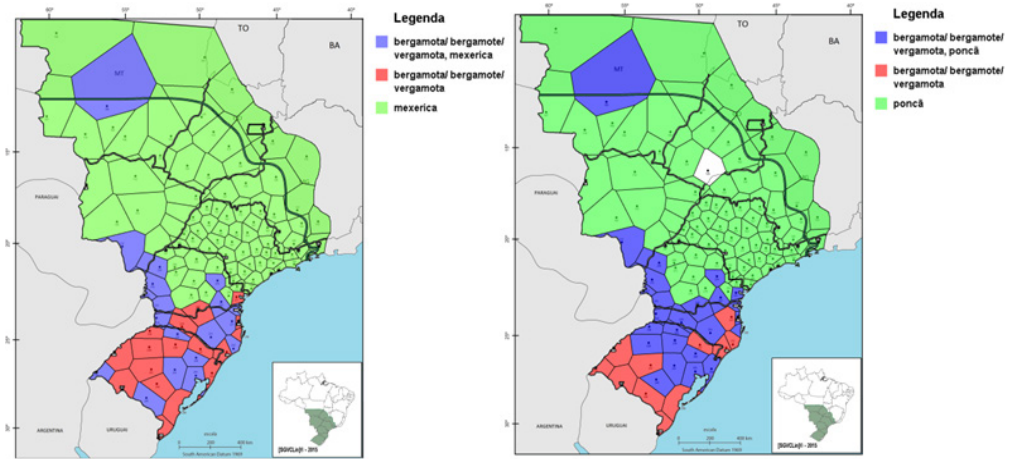


Fonte: Romano, 2015.

No Paraná, o item obtém 100% de produtividade no centro-sul do Estado, principalmente na região linguística de Curitiba, e se reflete no norte pioneiro paranaense em Tomazina (ponto 211) com os limites dessa isoléxica até Ribeira (ponto 185), cidade paulista.

Quanto à distribuição diatópica das variantes *bergamota/vergamota*, *mexerica* e *poncã*, a Figura 4.9 sintetiza as duas grandes áreas lexicais no centro-sul do país: a do *falar paulista*, com predomínio exclusivo das formas *mexerica* e *poncã* (cor verde) e a do *falar sulista de influência sul-rio-grandense e línguas de colonização (bergamota/vergamota)* (cor vermelha), indicando, inclusive, áreas de heteroléxicas, ou seja, em que as duas formas ocorrem indistintamente, representadas nas cartas pela cor azul.

Figura 4.9 – Áreas de iso e heteroléxicas de *mexerica*, (*v*)*bergamota* e *poncã*.

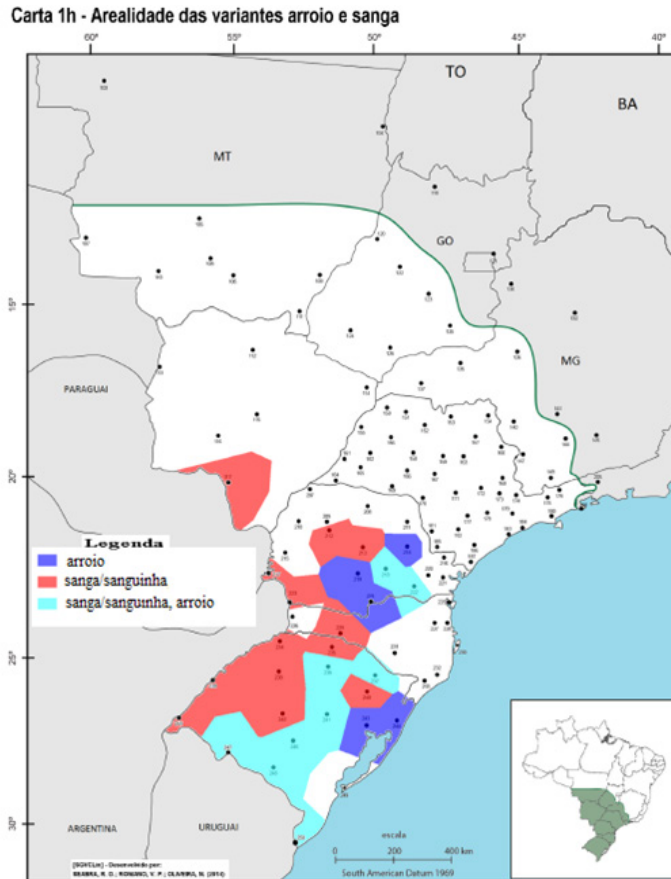


Fonte: Romano, 2015.

5. SANGA E ARROIO (COMO SE CHAMA UM RIO PEQUENO DE DOIS METROS DE LARGURA?)

Romano (2015) também discutiu as áreas lexicais na Região Sul pautando-se nos designativos para a questão 001 do Questionário Lexical do ALiB (COMITE NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001), cujo *caput* se refere ao *córrego* ou *riacho*. No território investigado, duas variantes regionais foram documentadas: *sanga* e *arroio*, cujas áreas de ocorrência se observa na Figura 4.10.

Figura 4.10 – Áreas de ocorrência de *sanga* e *arroio* nos Estados da Região Sul do Brasil.



Fonte: Romano, 2015.

Ambas as formas são empréstimos lexicais da língua espanhola segundo dicionaristas como Ferreira (2004) e Houaiss (2001). Na Figura 4.10, observa-se que *sanga* percorre a fronteira do Estado do Rio Grande do Sul com a Argentina e adentra o território paranaense por um corredor central (ponto 229 – Concórdia) até atingir cidades no sudoeste do Paraná, refletindo-se em uma cidade do Mato Grosso do Sul (Ponta Porã – ponto 117), mesmo que não seja de uma forma contínua.

Já a área de ocorrência exclusiva de *arroio* se apresenta no nordeste e parte do litoral gaúchos e no centro sul do Paraná, principalmente. As áreas de *coocorrência* de *sanga* e *arroio* delimitadas pelas linhas de heteroléxicas se apresentam, sobretudo, no território do Rio Grande do Sul, partindo do extremo sul – Chuí (ponto 250) – contemplando, por um corredor central do estado, diferentes pontos até o

norte gaúcho. Há ocorrência exclusiva do item também na área que compreende duas cidades paranaenses (218 – Imbituva e 222 – Barracão).

Segundo Romano (2015), essas duas áreas de ocorrência evidenciam traços da história social da região, principalmente ao se relacionar esse fato linguístico ao caminho dos tropeiros, nos séculos XVIII e XIX e, mais recentemente, com a reimigração de gaúchos de origem eslava e germânica (ROCHE, 1969). A presença de *sanga* nessa região revela um traço do contato linguístico do português com o espanhol e acompanha o processo de movimentação interna dos gaúchos rumo aos Estados de Santa Catarina e Paraná.

Os dados do ALiB têm mostrado que *sanga* não se restringe ao Rio Grande do Sul e à Santa Catarina, mas adentra o Paraná, ocorrendo, inclusive, em pontos de passagem de outras rotas dos tropeiros, como em Lapa (ponto 222), situada no antigo Caminho de Viamão.

Cabe notar, entretanto, que, apesar de no *corpus* do ALiB se encontrar o registro de uma ocorrência de *sanga* no ponto 117 – Ponta Porã, no Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul (OLIVEIRA, 2007) e no Atlas Linguístico do Município de Ponta Porã (REIS, 2006) não se documenta tal variante, o que não possibilita afirmar, por ora, a influência de gaúchos nesta localidade do Mato Grosso do Sul, pelo menos no que se refere ao uso de *sanga*.

6. GURI E PIÁ (COMO SE CHAMA A CRIANÇA DE 5 A 10 ANOS DE IDADE DO SEXO MASCULINO?)

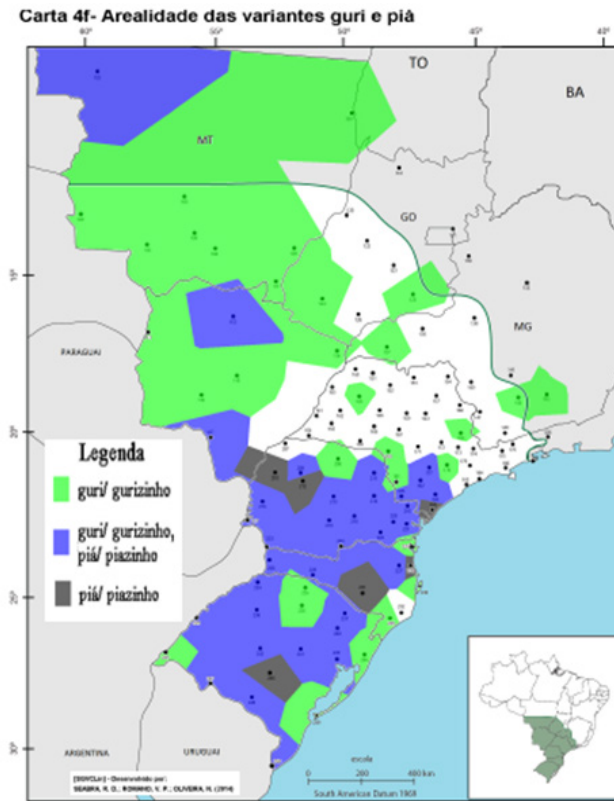
As duas variantes estereotipicamente sulistas para denominar a criança do sexo masculino que tem idade entre 5 e 10 anos, objeto da pergunta 132 do Questionário Semântico-Lexical do ALiB (COMITE NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001), também foram descritas no trabalho de Romano (2015). Observa-se na Figura 4.11 a ampla distribuição desses dois itens em grande parte do território do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, formando uma extensa área heteroléxica em que há a coocorrência dos itens (em azul).

É interessante observar que, salvo as ocorrências exclusivas de *guri* e de *piá* nos Estados da Região Sul, a variante *guri* se irradia para os Estado do Mato Grosso do Sul e do Mato Grosso e, a partir deste, chega ao sudoeste goiano, refletindo-se em uma localidade do Triângulo Mineiro – ponto 137 (Campina Verde) com diferentes índices de produtividade, uma vez que Romano (2015) atesta, por meio de cartas e gráficos, o enfraquecimento na produtividade desses itens em sentido setentrional no território investigado. No Paraná, *guri* está em

quase todo o Estado, exceto em três localidades do noroeste paranaense, região de colonização mais recente sob influência de mineiros e paulistas na primeira metade do século XX. De acordo com Romano e Seabra (2014, p.485):

a presença da variante “guri” em determinadas localidades paulistas, tais como Itararé, Itapetininga e Sorocaba, pode ser explicada pela influência vinda do sul do país, haja vista que algumas dessas localidades eram pontos pertencentes à antiga rota proveniente do Caminho das Tropas, pela consequência do Tropeirismo.

Figura 4.11 – Áreas de ocorrência de guri e piá no Centro-Sul do país.



A ocorrência de *guri* no Mato Grosso do Sul e no Mato Grosso, ainda de acordo com esses autores (ROMANO; SEABRA, 2014), revela traços dos movimentos recentes de migração de gaúchos que deixaram marcas no léxico da região, bem como influências na formação da cultura local. Esse movimento decorre das novas fronteiras agrícolas na região Centro-Oeste, sobretudo a partir da década de 1970, com o incentivo governamental.

O Atlas Linguístico do Paraná (AGUILERA, 1994) e o Atlas Linguístico do Paraná II (ALTINO, 2007) não apresentam cartas linguísticas que documentem os designativos para o referente. O ALERS (2011), entretanto, nas cartas 270 e 271, registra as principais variantes e outras denominações, coincidindo com os dados do ALiB no que tange à área de ocorrência.

Conforme Romano e Seabra (2014), tanto a variante *guri* quanto *piá* reiteram a influência das línguas indígenas no português. De acordo com Cunha (2010), a forma lexical “guri” veio do tupi *ü̃ri* com a acepção que designa o “bagre novo” (tipo de peixe), por extensão de sentido, a criança. O etimologista remete o usuário ao verbete “guiri - ‘sm bagre’ / curi 1587, guori datada aproximadamente 1631”. Houaiss e Villar (2001), em contrapartida, registram a datação de 1890. Para os lexicógrafos, trata-se de um regionalismo brasileiro para designar o “menino”. Ferreira (2004), apesar de apresentar a mesma acepção, traz outra etimologia. Segundo o dicionarista, o vocábulo “guri” também vem do tupi, porém com o sentido de pequeno, não fazendo alusão ao peixe.

Piá, de acordo com Houaiss e Villar (2001), refere-se ao menino indígena e, analogamente, é empregado para denominar o menino mestiço de indígena com branco ou mesmo qualquer criança do sexo masculino. Segundo esses lexicógrafos, trata-se de um regionalismo de SC e RS para designar o peão menor de idade que não é de raça branca. Ferreira (2004) traz para *piá* a informação de que se trata um brasileirismo para designar o índio jovem ou mestiço jovem de branco com índio, remetendo ao verbete “menino”, tratando-se, pois, de um sinônimo. Em SC e RS é uma variante usada para designar “qualquer menor que não é branco e trabalha como peão de estância” (FERREIRA, 2004), ou seja, a mesma acepção dada por Houaiss e Villar (2001).

7. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Sob a perspectiva da variação diatópica, a Região Sul do Brasil apresenta-se como uma área dialetologicamente diversa, o que permite concordar com a assertiva de Görski (2012) de que é uma região administrativa com mais diferenças do que semelhanças, atestada por diferentes estudos de ordem fonética (MONARETO, 2000, 2004), lexical (PINHO; MARGOTTI, 2009; ROMANO; AGUILERA, 2013), morfossintática (MONGUILHOT, 2007) ou mesmo pragmático-discursiva (ROST, 2002), entre outras.

Basicamente, os Estados que compreendem essa região administrativa contemplam duas áreas linguísticas, uma meridional (partindo do estado do

Rio Grande do Sul) e uma setentrional (Paraná), separadas por um território de transição (Santa Catarina), que ora se identifica como a porção setentrional, ora com a meridional, conforme a descrição de Koch (2000), atestada por Altenhofen (2008, 2002) e comprovada por Romano (2015) ao comparar dados do ALiB e do ALERS.

A esses dois grandes grupos, observa-se a existência de subáreas, sobretudo no litoral catarinense e norte novo do Paraná, e reflexos de influência gaúcha em Estados da Região Centro-Oeste e no Estado de São Paulo, acompanhando movimentos dos bandeirantes, da rota dos tropeiros dos séculos XVIII e XIX, do povoamento por imigrantes (europeus principalmente), bem como migrações internas estimuladas pela expansão das fronteiras agrícolas do século XX e XXI. E a partir da década de 1960, o deslocamento de populações rurais para centros urbanos (êxodo rural) e aumento da mobilidade das populações devido ao incremento das atividades comerciais e de serviços, facilitadas pela construção de rodovias e uso de automóveis.

Os estudos de natureza geolinguística têm permitido constatar essas diferenças que estão evidenciadas em cartas linguísticas do Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil e nos dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil que, a partir de análises prévias em artigos, dissertações e teses, confirmam as áreas convergentes e divergentes na região, seja por força da situação de bilinguismo que se observa nas pequenas e grandes cidades do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, seja pelas áreas de fronteira internacional ou por conta da imigração europeia dos períodos de colonização e povoamento do território e, também, pelas migrações internas.

Em suma, os trabalhos dialetológicos, em especial os de cunho geolinguístico, estão em franco desenvolvimento na Região Sul, sobretudo, no que se refere aos atlas de pequeno domínio desenvolvidos no Estado do Paraná. Uma tarefa ainda a se desenvolver é fomentar a elaboração de trabalhos dessa natureza, principalmente no território catarinense e gaúcho, como forma complementar e detalhar a situação linguística de pequenas áreas e municípios e as “fotografias linguísticas” encontradas no ALERS e nos dados do ALiB.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, V. de A. *Aspectos linguísticos da fala londrinense: esboço de um atlas linguístico de Londrina*. Londrina. 1987. 2.v. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Assis, 1987.

AGUILERA, V. de A. Os nomes para o interruptor de luz na Região Sul do Brasil: signo arbitrário ou motivado?. In: Vanderci de Andrade Aguilera; Maranúbia Pereira Barbosa Doiron. (Orgs.). *Estudos geossociolinguísticos brasileiros e europeus: uma homenagem a Michel Contini*. 1ed. Cascavel; Londrina: EDUNIOESTE; EDUEL, 2016, v. 1, p. 107-120.

AGUILERA, V. de A. *Atlas linguístico do Paraná – ALPR*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná, 1994.

ALTENHOFEN, C. V. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Tese (Doutorado em Germanística) – Johannes Gutenberg Universität Mainz, Alemanha, 1995.

ALTENHOFEN, C. V. Os contatos linguísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do Brasil. In: ELIZAINCÍN, Adolf; ESPIGA, Jorge (orgs.). *Español y portugués: fronteiras e contatos*. Pelotas: UCPEL, 2008. p. 129-164.

ALTENHOFEN, C. V. Áreas linguísticas do português falado no sul do Brasil: um balanço das fotografias geolinguísticas do ALERS. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). *Varição e mudança no português falado na Região Sul*. Pelotas: EDUCAT – Editora da Universidade Católica de Pelotas, 2002. p. 115-145.

ALTINO, F. C. *Pelos caminhos da geolinguística paranaense: um estudo do léxico popular de Adrianópolis*. 2001. 2 v. Dissertação. (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, 2001.

ALTINO, F. C. *Atlas linguístico do Paraná II*. 2007. 2v. Tese. (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

ALTINO, F. C.; YIDA, V. Os fraseologismos para pão francês na Região Sul do Brasil. *Estudos linguísticos e literários*, v. 60, p. 90-106, 2018.

ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS). Volume 1: *Introdução*; Volume 2: *Cartas Fonéticas e Cartas Morfossintáticas*. ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo; KOCH, Walter (orgs.) et al. 1ª. Ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC; Curitiba: Ed. da UFPR, 2002.

ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS). *Introdução, Cartas fonéticas e morfossintáticas*. ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo; KOCH, Walter (orgs.) et al. 2ª ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011 [2002a].

ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS). *Cartas semântico-lexicais*. ALTENHOFEN, Cléo V.; KLASSMANN, Mário Silfredo (orgs.) et al. 1ª. Ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011.

BASSI, A. *A realização da fricativa alveolar em coda silábica no português brasileiro e no português europeu - abordagem geolinguística*. Tese (Doutorado Co-tutela em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina/Universidade de Lisboa, 2016.

BONATTI, M. *O dialeto trentino de pomeranos, SC: um estudo de antropologia lingüística*. São Paulo: USP, 1968.

BUNSE, H. A. W. *Dialetos italianos no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 1975.

BUNSE, H. A. W. *O vinhateiro: estudo etnográfico-lingüístico sobre o colono italiano no RS*. Porto Alegre: UFRGS/IEL/DAC/SEC, 1978.

BUSSE, S. *Um Estudo Geossociolinguístico da Fala do Oeste do Paraná*. 2010. 2.v Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

CARDOSO, S. A. M. *Tinha Nascentes razão? Considerações sobre a divisão dialetal do Brasil*. *Estudos Linguísticos e Literários*. Salvador: UFBA, n. 5, 1986, p.47-59.

CARDOSO, S. A. M. *Vogais médias pretônicas no Brasil: uma visão diatópica*. In.: AGUILERA, V. de A. (org.). *Português no Brasil: estudos fonéticos e fonológicos*. Londrina: EDUEL, 1999, p. 95-108.

CARDOSO, S. et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Vol. 1. Londrina: EDUEL, 2014a.

CARDOSO, S. et al. *Atlas Linguístico do Brasil*. Vol. 2. Londrina: EDUEL, 2014b.

CARLOS, V. G. *O português de cá e de lá: variedades em contato na fronteira entre Brasil e Paraguai*. 2015. 292 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

CHOFARD, A. *Aspectos lexicais do português do Brasil: um recorte de variantes documentadas pelo Atlas Linguístico do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

ELTERMANN, A. C.; MARGOTTI, Felício Wessling. *Variação lexical de “bolinha de gude” e “estilingue” na Região Sul do Brasil*. (Relatório de IC). Florianópolis, 2015. (inédito).

FABRIS, R. S. *Esboço de um atlas linguístico de Tamarana*. 1997. 75 p. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 1997.

FERREIRA, A. Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua Portuguesa*. Versão eletrônica 5.0. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FROSI, V. M.; MIORANZA, C. *Dialetos italianos: um perfil linguístico dos ítalo-brasileiros do nordeste do Rio Grande do Sul*. Caxias do Sul/RS: EDUCS, 1983.

FURLAN, O. A. A. *Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina*. Florianópolis: EDUFSC, 1989.

GÖRSKI, E. Fenômenos variáveis na Região Sul do Brasil: aspectos de comportamento sociolinguístico diferenciado nas três capitais. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, v. 41, n. 2, mai-ago 2012. p. 806-817.

GUIMARÃES, T. B. *Para um atlas linguístico de São Francisco do Sul (ALSFS): há nesta ilha um falar específico?* 2007. 2. v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2007.

HORST, C. *Quando o Heinrich Casa com Iracema, a Urmutter Vira Bisa? – A dinâmica dos nomes próprios de pessoas e comuns de parentesco em uma comunidade de contato alemão-português do Sul do Brasil*. Tese (Doutorado em Letras/Filologia Românica) – Christian-Albrechts-Universität Zu Kiel, Alemanha, 2009.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IMAGUIRE, L. M. C. *Estudo com vistas a um atlas linguístico da Ilha de Santa Catarina: abordagem de aspectos semânticos lexicais*. 1999. 2v. + anexos. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

KOCH, W. *Falares alemães do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1974.

KOCH, W. O povoamento do território e a formação de áreas linguísticas. In: GÄRTNER, Eberhard; HUNDT, Chistine; SCHÖNBERGER, Axel (Ed.). *Estudos de geolinguística do português americano*. Frankfurt a M.: TFM, 2000. p. 55-69.

KRUG, J. M. *Os bilíngues Teuto-brasileiros frente à Metafonia do Português*. Tese (Doutorado em Letras/Filologia Românica) – Christian-Albrechts-Universität Zu Kiel, Alemanha, 2009.

LINO, F. M. M. *Aspectos linguísticos da fala de Cândido de Abreu: um estudo geossociolinguístico*, 2000. 291p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2000.

MARGOTTI, F. W. *Difusão sócio-geográfica do português de contato com o italiano no sul do Brasil*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

MARGOTTI, F. W.; ZIBETTI, É. M. de O. Variantes lexicais de “manco” na Região Sul do Brasil: o que dizem os dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)? In: COSTA, Daniela de Souza Silva; BENÇAL, Dayme Rosane. (Org.). *Nos caminhos do léxico*. 1ed. Campo Grande: UFMS, 2016, v. 1, p. 251-274.

MERCER, J. L. da V. *Áreas fonéticas do Paraná*. Curitiba: UFPR, v. 1 (165:), v. 2 (45 cartas), 1992.

MERCER; J. L. da V. *Le lixique technique dès pêcheurs de Guaraqueçaba*. Université de Toulouse II, Toulouse, 1979.

MONARETTO, V. N. de O. O apagamento da vibrante pós-vocálica nas capitais do sul do Brasil. *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 275-284, março de 2000.

MONARETTO, V. N. de O. Descrição da vibrante no português do sul do Brasil. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (Orgs.). *Português do sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2009, p. 141-151.

MONGUILHOTT, I. de O. A variação na vibrante florianopolitana: um estudo sócio-geolinguístico. *Revista da ABRALIN*, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 147-169, jan./jun. de 2007.

MORTARA, G. Línguas estrangeiras e aborígenes faladas no lar no estado de Santa Catarina. Rio de Janeiro: *Revista Brasileira dos Municípios*, 3(11), 1950, p. 673-704.

OLIVEIRA, D. G. de (org.). *Atlas linguístico do Mato Grosso do Sul - ALMS*. Campo Grande: Editora UFMS, 2007.

PERTILE, M. T. *Manutenção e substituição linguística em áreas bilíngues vêneto-português do Alto Uruguai gaúcho*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

PINHEIRO, L. S. *Processos de territorialização de variedades dialetais do italiano como línguas de imigração no nordeste do Rio Grande Sul*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade federal do Rio Grande do Sul, 2014.

PINHO, A. J de; MARGOTTI, F. W. Aspectos de variação lexical no sul do Brasil: o demônio varia no sul? *Interdisciplinar*. Revista de Estudos em Língua e Literatura. Itabaiana-SE. v. 9, n. 9, p. 51-66, ago-dez 2009.

PINHO, A. J. de. *Aspectos da história da língua: um estudo diacrônico e sincrônico dos pronomes oblíquos tônicos*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

PIZOLATO, T. M. de P. *Esboço de uma atlas linguístico de Centenário do Sul*. 1997. 167 p. Monografia (Especialização em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 1997.

PREDIGER, A. *Topodinâmica do alemão falado em comunidades de imigração boêmia no Rio Grande do Sul*. 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

REIS, R. C. P. *Atlas Linguístico do município de Ponta-Porã-MS: um registro das línguas em contato na fronteira do Brasil com o Paraguai*. 2. v. 2006. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Três Lagoas, 2006.

RIBEIRO, T. L. *Variação lexical na rota do café: estudos geossociolinguísticos no norte do Paraná*. 2017. 2v. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.

ROCHA, P. G. da. *O português de contato com o espanhol no Sul do Brasil: empréstimos lexicais*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

ROCHE, J. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Trad. Emery Ruas. Porto Alegre: Globo, 1969.

ROMANO, V. P. *Atlas Geossociolinguístico de Londrina: um estudo em tempo real e tempo aparente*. 2012. 2v. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

ROMANO, V. P.; AGUILERA, Vanderci. de Andrade. Padrões de variação lexical no sul do Brasil a partir dos dados do Projeto ALiB. *Estudos Linguísticos*. São Paulo, v. 43, n 1, p. 575-587, 2014.

ROMANO, V.; SEABRA, R. D. Menino, guri ou piá? Um estudo diatópico nas regiões Centro-Oeste, Sudeste e Sul a partir dos dados do Projeto Atlas

Linguístico do Brasil. *Alfa: Revista de Linguística*, São José do Rio Preto, UNESP, v. 58, n.2, p. 463-497, 2014.

ROMANO, V. P. *Em busca de falares a partir de áreas lexicais no centro-sul do Brasil*. 2015. 2v. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

ROMANO, V. P.; MARGOTTI, F. W. ‘Você vai viajar?’ ou ‘Tu vai viajar?’: a arealidade do pronome-sujeito no Sul do Brasil. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; DOIRON, Maranúbia Pereira Barbosa. (Org.). *Estudos geossociolinguísticos brasileiros e europeus: uma homenagem a Michel Contini*. 1ed. Cascavel/PR: UNIOESTE: Londrina/PR: EDUEL, 2016, v. 1, p. 237-254.

ROMANO, V. P.; SILVA, H. C. da S. Estudos geolinguísticos e sociodialetológicos no Paraná: gênese e continuidade. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; ROMANO, Valter Pereira (orgs.). *A Geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados*. Londrina: EDUEL, 2016, p. 341-354.

ROST, C. A. *OLHA e VEJA: multifuncionalidade e variação*. 2002. 151 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SIQUEIRA, F. *Atlas Linguístico de Cuiuiuva-PR: aspectos lexicais*. 2015. 2v. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.

SOUZA, A. C. S. *Africanidade e contemporaneidade do português falado em comunidades afro-brasileiras do Rio Grande do Sul*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade federal do Rio Grande do Sul, 2015.

SOUZA, H. D. L. *As fronteiras internas do português del Norte del Uruguai: entre a percepção dos falantes e as políticas linguísticas*. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

TRAINOTTI, K. T.; MARGOTTI, F. W. *Linguagens: Revista de Letras, Artes e Comunicação*, Blumenau, v. 2, n. 3, p. 263 - 274 set./dez. 2008.

VANDRESEN, P. *Fonologia do Westfaliano de Rio Fortuna*. Porto Alegre: PUC-RS, 1971.

VANDRESEN, P. *Variação e mudança no português falado da Região Sul*. Pelotas: Educat, 2002.

